

Acisa nos bairros debate duplicação na RS 324

Unificação de empresários e lideranças comunitárias reforça pedido de obras

A Acisa reuniu, na quarta-feira à noite, os empresários da região do Valinhos, Integração e também do distrito industrial. Na oportunidade da reunião jantar foi mostrada aos presentes a estrutura que associação oferece aos seus associados e ainda da Expoacisa e seus resultados. O presidente da entidade, Marco Silva, destacou a união dos empresários e a importância destes encontros e troca de experiências além de debater pauta de interesse dos empresários e da comunidade. O Presidente também reforçou a necessidade de melhorias no transporte coletivo no interior do distrito. Joelson Zandoná, Diretor da Disfonte e anfitrião do evento reforçou o objetivo de



Evento foi realizado na quarta-feira à noite

integração e da importância de pautar temas de interesse da população. Ele citou como exemplo a pavimentação da Rua Antônio Maninho Albuquerque já que esta via através o distrito e tem apenas 50% asfaltada.

Participaram do jantar o Vice-Prefeito Juliano Roso, Vice-Presidente da Câmara de Vereadores Márcio Patuzzi, Comandante da Brigada Militar Coronel Bicca além de outras autoridades e lideranças da região.

Um grupo de lideranças do Bairro Integração reforçaram o grupo que se unifica aos empresários na solicitação de duplicação da RS 324 do trecho Ricci até Pontão e ainda pavimentação de ruas paralelas.

O Presidente da Acisa entregou para o Vice-Prefeito o documento com as demandas do grupo e solicitou apoio da Prefeitura para que se alcance os objetivos. O próximo evento será no bairro São José dia 17 de outubro.

Comitês de Bacias cedem equipamentos ao Batalhão Ambiental

Os Comitês de Gerenciamento das Bacias Hidrográficas do Rio Passo Fundo (CBHPF) e Alto Jacuí (COAJU) cederam, em regime de comodato, ao 3º Batalhão Ambiental da Brigada Militar (3º BABM) de Passo Fundo, equipamentos que auxiliarão os trabalhos de educação e fiscalização ambiental na região. A entrega foi realizada na quarta-feira (11), na sede dos Comitês de Bacias, lo-

calizada na Universidade de Passo Fundo (UPF).

Os Comitês cederam ao Batalhão Ambiental uma filmadora, máquina fotográfica, notebook, projetor multimídia e dois aparelhos GPS. Os equipamentos foram entregues pelo presidente dos Comitês, Claud Goellner, ao Capitão Paulo Ricardo Leão Saraiva, que está respondendo pelo comando do 3º BABM. Também estiveram

presentes no ato o soldado Rodrigo da Silveira Silva e a soldado Carina Bertolini.

A intenção dos Comitês é contribuir com os trabalhos do Batalhão Ambiental, que é membro ativo dos dois Comitês. "A cedência destes equipamentos foi realizada para dar suporte as ações do Batalhão Ambiental e apoiar a implantação de gestão dos recursos hídricos nas Bacias do Rio Passo Fundo e Alto Jacuí", destacou o presidente dos Comitês de Bacias. O Capitão Saraiva destacou a importância destes equipamentos para o 3º BABM. "Estes equipamentos serão utilizados para educação ambiental nas escolas localizadas nos municípios de abrangência do Batalhão e os GPSs contribuirão com os trabalhos das equipes de campo nas ocorrências de degradação", enfatizou Saraiva.



A entrega dos equipamentos ao 3º BABM foi realizada nesta semana, na sede dos Comitês de Bacias

OPINIÃO

Bolhas especulativas ou pessimismo exagerado

As características das bolhas especulativas é que só é possível ter certeza de que elas ocorreram num momento: quando estouram.

Enquanto elas estão se formando, é típico do ser humano encontrar as mais originais justificativas para a euforia. Na década de 90, o oba-oba em tomo

das recém-nascidas companhias de tecnologia era justificado por uma tal "nova economia digital". Cabe destacar que o mercado imobiliário ao final dos anos 80 e o começo dos anos 2000, ficou praticamente estagnado para não dizer parado no Brasil. Crédito imobiliário era inexistente. Quem queria comprar um imóvel era praticamente obrigado a pagar à vista, o que tornava a compra inviável e as incorporadoras construíam pouco, sendo assim, com demanda pequena os preços subiam pouco.

Com a maior garantia jurídica do crédito imobiliário, a partir de 2004, os bancos voltaram a emprestar. Outro fator que contribuiu, foi a queda dos juros que barateou os financiamentos, possibilitando a inclusão de um maior contingente de pessoas na condição de potenciais compradores.

Segundo Luiz Antônio França, diretor do Banco Itaú, "A alta de preços nesse período foi, na verdade, uma correção". Numa comparação internacional, os imóveis aqui ainda não estão caros. O valor médio de um imóvel no Brasil corresponde a 5,1 vezes a renda anual média, metade do número dos países analisados no estudo da consultoria Bain&Company.

O problema é o que acontecerá se os preços continuarem subindo. Outro levantamento, feito anualmente pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas em parceria com EXAME, mostra que a valorização dos imóveis continua, mas em ritmo menor do que no passado. De 2008 a 2011, os preços aumentaram à média anual de 20% a 30%. "Demanda existe, mas, como os valores já aumentaram muito, o consumidor não tem mais tanto fôlego como no passado. Por isso, está mais cauteloso", diz Sérgio Freire, presidente da corretora Brasil Brokers.

Além disso, os brasileiros estão muito mais endividados do que há cinco anos, o que reduz o espaço para novos financiamentos — em média, 22% da renda das famílias está comprometida com o pagamento de algum empréstimo, um patamar próximo ao dos países problemáticos que foram estudados. Essa semana o assunto veio novamente à tona, quando o economista Robert Shiller, professor da Universidade de Yale, alertou a população sobre a chamada "crise pontocom" e a bolha imobiliária nos Estados Unidos, e colocou o Brasil em seus discursos com preocupação.

Segundo Shiller, "os preços dos imóveis vêm dobrando nos últimos anos. As pessoas agora estão tomando empréstimos para comprar imóveis. Se os preços entrarem em colapso, vai incorrer no mesmo tipo de problema que tivemos nos Estados Unidos".

Toda essa especulação excessiva pode ser resumida em quatro pontos: O governo já despejou mais de R\$ 1 bilhão em crédito no mercado com o programa Minha Casa Minha Vida. E pretende liberar mais R\$ 1 bilhão para o programa Minha Casa Melhor - um excelente programa no ponto de vista social, mas que possui efeitos colaterais. Há um incentivo forte ao crédito. Em relatório, o Fundo Monetário Internacional (FMI) sugeriu que o governo brasileiro diminuísse a velocidade das concessões de crédito. O governo se preocupa em incentivar a demanda, porém esquece da oferta, que por sinal não acompanha esse movimento. Em janeiro desse ano, na tentativa de conter a alta excessiva do dólar, governo retirou o IOF (Imposto sobre Operações Financeiras) de estrangeiros em aplicações de fundos imobiliários. Se por um lado isso atraiu capital para o país, por outro, facilita a formação de uma bolha à medida que é mais fácil para o estrangeiro não só investir mas também especular no país. Há um fator cultural e psicológico em que a maior parte dos brasileiros entende a compra de imóvel como um investimento seguro e de ganho infinito, ou seja, grande parte da população acredita que imóveis nunca podem se desvalorizar.

Adriano da Silva

Professor Escola de Administração IMED

